

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-04-08

Deposited version:

Post-print

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Oliveira, J. M. (2019). Queer. Dicionário Alice.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Oliveira, J. M. (2019). Queer. Dicionário Alice.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Queer, Kuir, Qu*A*Re

João Manuel de Oliveira – Universidade Federal de Santa Catarina/ISCTE-IUL

Uma história já canónica localiza a emergência do queer no ativismo que se organiza nos Estados Unidos da América em torno da epidemia do HIV/SIDA. Neste contexto, queer traduzia uma ideia para além de uma identidade LGBT, recorrendo a um insulto estigmatizado e sabotando-o via uma identificação. Assim queer implica reapropriar o insulto, como forma de ressignificação. Mas também de desidentificação através de um processo de reapropriar e alterar a codificação heteronormativa que o marca como insulto. Estes processos de apropriação e recodificação implicam performatividades que produzem como efeito a contestação do processo de constituição histórica do sujeito queer descrito como estranho, bizarro, extravagante, fora do padrão da sexualidade. Uma inteligibilidade queer irá tensionar o uso de expressões biomédicas como homossexual e preferir outras: bicha, travesti, viado, sapa, etc. como forma de problematizar esse modo higienizado e homonormativo de produzir um determinado sujeito, aceitável para a heteronormatividade. Em suma, o estranho que não aspira ao centro e que produz incomodo e perturbação, das margens e *entre* fronteiras.

Assumir esse insulto como identificação é um processo de desidentificação da matriz heterossexual das normas de géneros e, por isso, de sabotagem da mesma. Trata-se de trabalhar as falhas da norma, de as usar para determinados efeitos políticos (Butler, 1993), sinalizando também a necropolítica, uma instrumentalização das mortes, de uma grande quantidade de pessoas que o Estado deixa morrer ou permite que morram (de muitas maneiras) como ocorre em determinadas populações trans*, travesti e menos conforme às normas de género que se intersectam com racialização e classe.

A ideia de queer é rapidamente globalizada e viaja, produzindo outros efeitos, umas vezes hibridizando-se, outras provocando reações variáveis. Contudo a genealogia canónica estado unidense silencia as muitas outras possibilidades de contar outros kuir. Essa apropriação na América Latina implica inclusivamente chamar-lhe outro nome, cuir ou kuir, para apropriar o termo desarmando-o da sua branquitude anglo colonial. Esse processo de kuirização do queer implica sabotar essa origem e produzir outras genealogias excêntricas – fora do centro, extravagantes e que sejam excêntricas à canocidade (Oliveira, 2016), tornando-o menos palatável ou menos assimilável às normas de género que também se intersectam com os efeitos da colonialidade, globalização e capitalismo, inseparáveis da produção de saberes. Assim propostas como teoria cu ou teoria transviada vão surgir no Brasil (Pelúcio, 2014), por exemplo, mostrando como determinadas traduções/traições e torções se tornam possíveis quando abandonamos um modo apenas Minnie Mouse, i.e. anglo/eurocêntrico, de pensar o queer e começamos a refigurá-lo de outro jeito noutras localizações.

Um espaço *entre*, que não fica nem na importação e simplesmente tradução do queer nem na traição á lógica antropofágica da cultura brasileira, habitar a fronteira como afirma Mário César Lugarinho (2001). Essa fronteira permanentemente inscrita no corpo e nos saberes kuir, mas também nas práticas artísticas artistas e outras, tem como implicações um corpo que é geo/politicamente constituído e disso não é inocente. Então saberes kuir, necessariamente do Sul, são outras topografias dos corpos, outras propostas de incorporação, um corpo que pode ser racializado, colonizado, que pode transportar a favela e a periferia também.

Da mesma forma, a tradução em Portugal que tende a ficar refém das epistemologias do norte global e precisa antes de ir até aos trópicos, fazer-se bispo Sardinha e ser deglutido pelos ameríndios canibais para conseguir pensar o queer de uma outra forma, para pegarmos no Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade. A posição semiperiférica portuguesa produz outro espaço *entre*: entre uma deglutição anglo da teoria Queer (a que jocosamente chamo Minnie Mouse), tratada como referência e a produção de uma agnotologia (produção sistemática de uma ignorância) sobre o kuir do Sul, sobretudo do Brasil e da América Latina, com poucas incursões na produção africana e olhando ainda timidamente para a vasta produção em espanhol e outras.

Parecem ser necessárias outras referências, não só a Minnie Mouse e tentar usar outros kuir, eventualmente mais ressonantes com saberes des/subjugados, pensados a partir também da colonialidade, geopolítica e pós-colonialidade, gerando com eles epistemologias do sul, outras histórias, um qu*A*re que pega no A de black e coloca no meio do queer. O kuir carrega a marca de colonização e da decolonialidade simultaneamente, é produzido entre mundos. É assim contradição, enxertia, hibridização num mundo capitalista racializado. Então constitui-se também como um projeto crítico das narrativas lineares, rutura com o euro/anglocentrismo, cisão com os tempos, suas crono(hetero)normatividades e modos de contar, um corpo estranho que habita entre fronteiras, mais cabocla e canibal que Minnie Mouse.

Referências

Butler, Judith (1993). *Bodies that Matter*. London: Routledge

Lugarinho, Mário César (2001). Como traduzir a teoria queer para língua portuguesa. *Gênero*, 1 (2), p. 33-40.

Oliveira, João M. (2016). Genealogias excêntricas- os mil nomes do queer. *Periodicus*, 6, 1-6.

Pelúcio, Larissa (2014). Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? *Periodicus*, 1, 68-91.